

A ORIGEM EM FERNANDO LINDOTE: DO PARAÍSO A DARWIN

THE ORIGIN IN FERNANDO LINDOTE: FROM HEAVEN TO DARWIN

Luciane Ruschel Nascimento Garcez / UDESC
Sandra Makowiecky / UDESC

RESUMO

Este estudo aborda o tema proposto “Origens” a partir de alguns pressupostos: a origem no Paraíso pela crença cristã; a origem das espécies pela teoria criacionista em Charles Darwin; a origem da arte contemporânea na história da arte. Escolhemos abordar a partir do trabalho plástico do artista Fernando Lindote (1960), em uma série de pinturas de 2011 a 2018. Muito instigante a oportunidade de pensarmos o conceito de “origem”, especialmente num momento onde a arte contemporânea, por vezes, se pretende inédita, contrária ao termo que tanto preza: o de ser *original*, sendo que a etimologia da palavra remete à *origem*, ao ponto de partida. E é neste sentido que buscamos nos aproximar dos trabalhos de Lindote aqui apresentados. Originais desde sua origem.

PALAVRAS-CHAVE

Fernando Lindote; Origem na História da Arte; Charles Darwin; Paraíso.

ABSTRACT

This study approaches the proposed theme "Origins" from some presuppositions: the origin in Paradise by the Christian belief; the origin of species by the creationist theory in Charles Darwin; the origin of contemporary art in the history of art. We chose to approach it from the plastic work of the artist Fernando Lindote (1960), in a series of paintings from 2011 to 2018. Very exciting the opportunity to think the concept of "origin", especially in a moment where contemporary art is sometimes arrogant in considering itself original as "never seen before" contrary to the term that values so much: that of the being original, considering that the etymology of the word refers to the origin, to the point of departure. Moreover, it is in this sense that we seek to approach the works of Lindote presented here. Originals since its origin.

KEYWORDS

Fernando Lindote; Origin at the Art History; Charles Darwin; Heaven.

Como abordar a temática proposta “Origens”? Escolhemos abordar a partir do trabalho plástico do artista Fernando Lindote (1960). Muito instigante a oportunidade de pensarmos o conceito de “origem”, especialmente num momento onde a arte contemporânea, por vezes, se pretende inédita, contrária ao termo que tanto preza: o de ser *original*, sendo que a etimologia da palavra remete à *origem*, ao ponto de partida. E é neste sentido que buscamos nos aproximar dos trabalhos de Lindote aqui apresentados. Originais desde sua origem.

Fernando Lindote nasceu em Santana do Livramento, RS, mas há muitas décadas adotou Florianópolis para viver, produzir e representar. Foi cartunista, iniciou cedo, aos 13 anos, trabalhou com charges para alguns jornais da sua região. Entendeu logo que seu campo de atuação seria a arte. Ao longo de seu percurso realizou performances, trabalhou com desenho, pintura, fotografia, vídeo, instalações e esculturas para espaços institucionais e urbanos.

Há alguns anos vem se dedicando mais especificamente à pintura, desenvolvendo obras em óleo sobre tela, problematizando questões da história da arte, e revendo conceitos polêmicos ao nosso tempo.

Para este estudo, selecionamos algumas telas onde a referência às origens é muito clara. Aqui abordamos origens em várias situações: a origem na religião cristã seria o Paraíso; para Darwin, a origem se situa na evolução das espécies; a origem também está nas referências à história da arte, onde as pinturas de Lindote são amplamente “originais”, dão voz àqueles que formaram seu corpus poético/teórico. Fernando Lindote explora em suas obras períodos, fatos, técnicas que o estão intrigando naquele momento. As técnicas desenvolvidas pelo artista, na obra x ou y, têm a ver com o que esta mesma técnica significava, social, cultural ou politicamente falando, no período de sua criação, ou maior desenvolvimento. De que forma a pincelada x ou y, ou a desconstrução da imagem, ou o colorido intenso (ou a falta dele) foram usados como parte do discurso do artista, mais do que

simplesmente um efeito ou formalidade estética naquele momento? É a partir de reflexões como estas que Lindote vai construindo sua própria narrativa poética, explicando um pouco o porquê da diversidade de meios pelos quais o artista busca se expressar. Compreendemos esta atitude como a de um historiador, que explora o passado a partir de questões, importâncias, não interessado em apresentar uma cronologia evolutiva, mas compreendendo que poderíamos ser aquele ser, naquele momento, com aquelas preocupações. Transfigurando estas problemáticas em seu tempo próprio, configurando sua própria contemporaneidade.

Segundo Neil MacGregor, que foi diretor do British Museum e escolheu cem objetos de seu acervo para representar a evolução dos povos e pensar as origens das sociedades, para contar a história do mundo através destes objetos, pensando cada qual a partir de seu próprio lugar de origem em um livro lançado em 2010:

Utilizar coisas para pensar sobre o passado ou sobre um mundo distante sempre se relaciona com a recriação poética. Reconhecemos os limites do que podemos saber com certeza e depois temos que ir atrás de um tipo diferente de conhecimento, conscientes de que objetos foram feitos necessariamente por pessoas iguais a nós na essência — portanto deveríamos ser capazes de desvendar por que o fizeram e para que serviam. Muitas vezes, essa pode ser a melhor maneira de compreender grande parte do mundo em geral, não só no passado, mas na nossa própria época. Algum dia poderemos compreender nossos semelhantes? Talvez sim, mas apenas com muita imaginação poética, aliada a um conhecimento rigorosamente adquirido e ordenado. (MACGREGOR, 2013, págs.17-18)

Buscamos esta imaginação poética em Fernando Lindote para refletirmos acerca do que acreditamos ser nossa origem e como a arte pode nos mostrar estas reflexões, entendendo que o artista está problematizando origens e dando voz a estas ao longo de seu processo de pesquisas na história da arte, na história das sociedades, culturas, técnicas e conceitos aprendidos e desenvolvidos em cada momento por ele aproximado.

Fonte da imagem: <http://www.cultura.sc.gov.br/noticias/1418-noticias-masc/21365-masc-recebe-exposicao-do-premio-marcantonio-vilaca>

Percebemos a exuberância da flora criada por Lindote, onde um mundo de possibilidades se nos abre. O colorido explora a diversidade de flores que o artista nos oferece, ao mesmo tempo em que cria uma noção de farta vegetação, recurso que lemos como o artista estar aludindo ao Paraíso cristão, local de vivência perfeita, onde Adão e Eva conviviam com o Criador. Notadamente um espaço onde não haveriam morte, doenças, faltas ou perdas, espaço onde Criador e criatura poderiam estar em harmonia. Pensando desta forma, o Jardim do Éden se nos apresentaria como um espaço perfeito, colorido, farto, a exemplo do jardim de Fernando Lindote.

Ao pensarmos em uma construção imagética do Paraíso bíblico, podemos reportar novamente ao texto de MacGregor quando este discorre sobre o desenho do rinoceronte de Dürer (Figura 2) ao falar sobre o processo artístico frente a história. Ele diz:

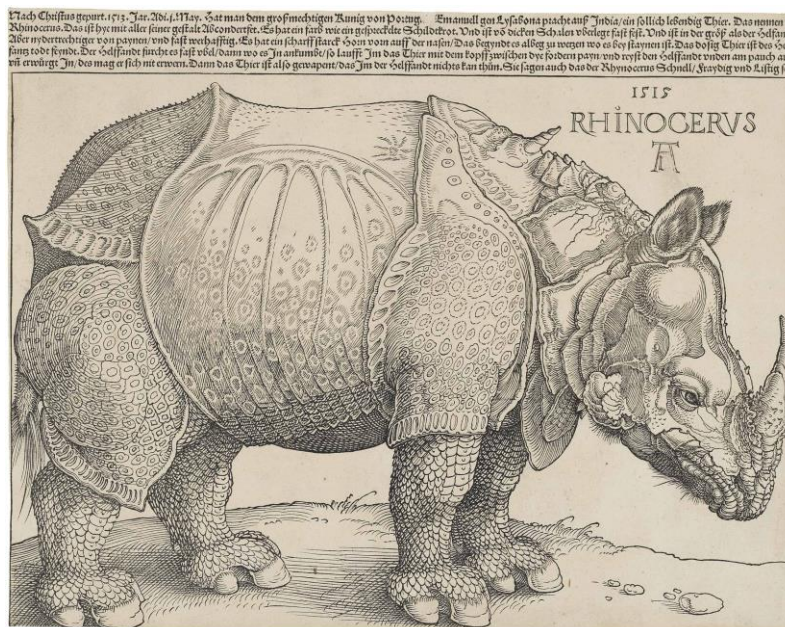


Figura 2. Albrecht Dürer. *O rinoceronte*. Xilogravura. 21,4 X 29,9 cm. Acervo do Museu Britânico de Londres. Fonte da imagem: MACGREGOR, Neil. *A História do Mundo em 100 Objetos*. RJ: Editora Intrínseca Ltda., 2013 (2010). Pág. 466.

GARCEZ, Luciane Ruschel Nascimento; MAKOWIECKY, Sandra. A origem em Fernando Lindote: do paraíso a Darwin, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 945-964.

O objeto que talvez melhor resuma as ambições não apenas deste livro, mas do próprio British Museum — a tentativa de imaginar e compreender um mundo do qual não temos conhecimento direto, mas apenas relatos e experiências de outros —, é o rinoceronte de Dürer (Capítulo 75), animal que ele desenhou sem jamais ter visto. Motivado por relatos de rinocerontes indianos enviados de Gujarat para o rei de Portugal em 1515, Dürer se informou o melhor que pôde, lendo as descrições que circulavam pela Europa, e tentou imaginar que aparência teria esse animal extraordinário. É o mesmo processo pelo qual passamos ao juntar indícios e com eles construir nossa imagem de um mundo passado ou distante. (MACGREGOR, 2013, pág. 23)

E segue ele:

O animal de Dürer, inesquecível em sua contida monumentalidade e perturbador com suas placas rígidas e sua pele dobrada, é uma realização magnífica de um artista supremo. É notável, evocativo e tão real que parece prestes a saltar da página. E está, é claro — revigorantemente? angustiantemente? tranquilizadamente? (não sei que termo usar) —, errado. Mas, afinal, não é isso que importa. O rinoceronte de Dürer é um monumento à nossa incessante curiosidade sobre o mundo além dos nossos limites e à necessidade humana de explorá-lo e compreendê-lo. (2013, págs. 23-24)

Podemos transpor este mesmo pensamento para as obras de Lindote. Ao centro da tela o artista aborda outra origem, a evolução das espécies pela seleção natural, teoria defendida pelo naturalista britânico Charles Darwin (1809), que foi estudante de medicina e de teologia. Darwin defendia que as espécies se modificavam ao longo do tempo, dando origem a novas espécies, e estas compartilhavam um ancestral comum. Daí a ideia de que homem e macacos teriam o mesmo ancestral, localizado na África há milhões de anos. Ideia que com o tempo foi erroneamente defendida como o ser humano sendo uma evolução dos macacos, teoria que não está de acordo com a defendida pelo cientista, e que de certa forma contrapõe sua reflexão. Seu livro seminal, *A Origem das Espécies* (1859), foi resultado principalmente dos estudos efetuados durante sua vigem pelo mundo no navio *HMS Beagle*, de 1831 a 1836, onde ele foi parte de uma expedição de levantamento topográfico que incluía paradas na América do Sul, Austrália e a ponta sul da África. Em cada uma das paradas da expedição, Darwin teve a oportunidade de estudar e

GARCEZ, Luciane Ruschel Nascimento; MAKOWIECKY, Sandra. A origem em Fernando Lindote: do paraíso a Darwin, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 945-964.

catalogar as plantas e os animais locais¹. Esta teoria confrontava a crença bíblica, uma vez que implicaria tentativas de criação de espécies, criaturas, que ao longo do tempo seriam obrigadas a se modificarem, de acordo com as circunstâncias, para sobreviverem, implicando em uma ideia de que as mesmas não seriam perfeitas, colocando clero e ciência em oposição. Após o fato de que o mundo teve que se render que a Terra gira em torno do Sol, e não o contrário, e que a presença do homem no planeta excede o calendário comumente entendido nos textos bíblicos, mais uma vez ciência e religião tiveram que encontrar um caminho de convivência. Charles Darwin, ao afirmar que mesmo o ser humano precisou evoluir/modificar para sobreviver, retira-o do papel de imagem e semelhança perfeita de Deus e o coloca no curso da biologia.

Quando Fernando Lindote coloca o macaco no meio da composição, entendemos que esta discussão está sendo proposta. Não é mais o homem que está no Paraíso, é a evolução biológica de todos os seres que o artista evoca; e sua localização ao centro da composição nos evoca a noção de o humano, terreno estar no centro do universo mais uma vez, não mais o sagrado e o mistério. Mas o animal não nos parece confortável, ele nos dá a impressão de estar mais se escondendo no meio da vegetação do que propriamente reinando em meio a ela. E olha para cima, talvez numa evocação, ou busca, do seu Criador, com expressão insegura, quase temerosa, evocando o temor do Senhor. O macaco de Lindote (Figura 3), o Guardião, é o guardião “da fala”, dando ao animal a capacidade de se expressar, pensar, usar da linguagem como forma de comunicação. O símio segura o que os parece ser uma caveira. Temos aqui a terceira origem, ou destino, a condição que nos une a todos: vamos todos morrer, do pó viemos ao pó voltaremos, a única certeza da vida é a morte, e por aí vão as falas que escolhemos para tentarmos digerir esta real certeza. O animal segura a caveira com cuidado, estaria ele a protegendo? Na caveira também percebemos o movimento de Lindote de abordar a história da arte pela *vanitas*. Imagem que representa a morte, mas também o ciclo de vida a que todos estamos sujeitos.

GARCEZ, Luciane Ruschel Nascimento; MAKOWIECKY, Sandra. A origem em Fernando Lindote: do paraíso a Darwin, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 945-964.



Figura 3 – Fernando Lindote. *O Guardião da Fala* (2018) - Detalhe
Fonte da imagem: <http://www.cultura.sc.gov.br/noticias/1418-noticias-masc/21365-masc-recebe-exposicao-do-premio-marcantonio-vilaca>

Abaixo temos outras duas telas onde a figura do macaco aparece em um cenário que pode nos evocar o Paraíso bíblico. Na figura 4 temos quase uma repetição da figura 1, um jardim exuberante, um macaco ao centro que segura uma caveira. Mas nesta pintura, o macaco se encontra mais exposto no cenário, mais à frente, e nos encara, com olhar um tanto desafiador. O jardim é mais escuro, esta obscuridade de superfície colorida nos indica uma certa profundidade que a tela da figura 1 não nos traz. Como se nesta segunda pintura estivéssemos mais próximos do macaco, mas mais afastados da luz, uma floresta mais solene. Todavia em nenhuma das duas

GARCEZ, Luciane Ruschel Nascimento; MAKOWIECKY, Sandra. A origem em Fernando Lindote: do paraíso a Darwin, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 945-964.

telas o macaco parece pronto a falar. O que nos traz a pergunta se este guardião seria aquele que guarda no sentido de conter e não de ser o mestre da fala em si.



Figura 4 – Fernando Lindote - *O Guardião da Fala II* (2015)
Óleo sobre tela, 160 X 140cm.

Fonte da imagem: <http://www.lucianacaravello.com.br/artistas/fernando-lindote>

Na figura 5, “O Guardião da Luz” (2016), o macaco está mais distante na composição, o cenário é uma paisagem aparentemente noturna, onde a luz parece ser derramada do alto. Como uma cascata dourada. O símio está sentado confortavelmente na ponta de um galho que se debruça por sobre o rio, e segura uma vela acesa. Uma característica que destoa das outras telas é a cor acinzentada, por vezes azulada, que domina a cena. Enquanto as paisagens anteriores estavam repletas de cores quentes, nesta que ocorre à luz, as cores frias prevalecem, à

exceção da luz dourada que escorre em frente à chama da vela, também cinza-azulada. Um cenário intimista se nos apresenta.

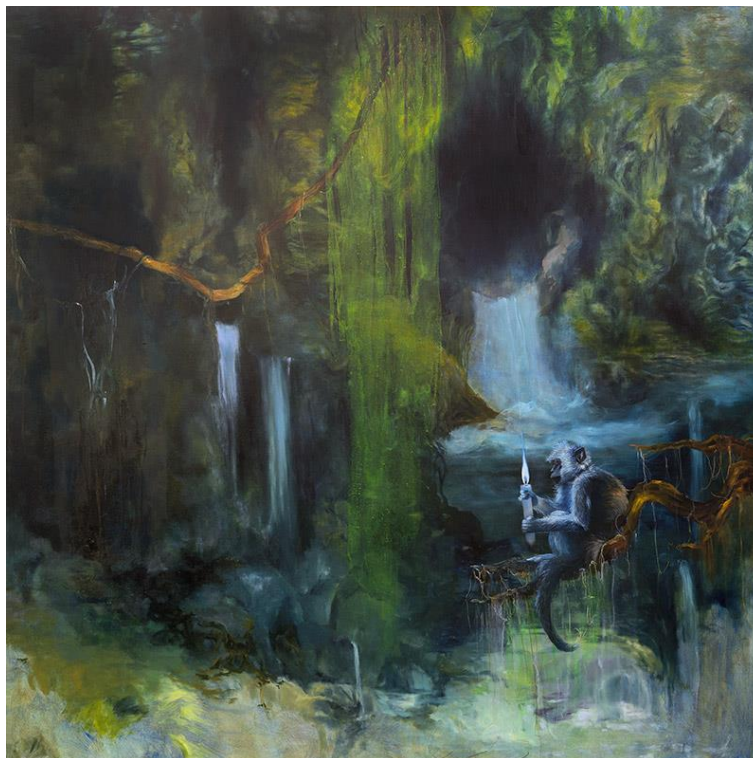


Figura 5 – Fernando Lindote. *O Guardião da Luz* (2016)
Óleo sobre tela, 160 X 160 cm.

Fonte da imagem: <http://www.lucianacaravello.com.br/artistas/fernando-lindote>

Nas duas figuras abaixo temos, de certa feita, uma confirmação acerca do caráter religioso levantado pelo artista em sua poética, assim como a evocação da origem como conceito. A figura 6 é uma tela azulada, intitulada “A Virgem”. A composição nos sugere algo entre flores, vegetação pendente, ou ao contrário, flutuante, se pensarmos em águas vivas, seres do mar. Mas o que nos alvitra a origem é exatamente o título: “A Virgem”. Remetendo à concepção de Jesus Cristo e à imagem de Sua mãe, a Virgem Maria, este título não vem inocentemente, especialmente pela cor azul, comumente usada na história da arte para representar esta figura. E ao observarmos a leveza da composição, nos remete também ao que pertence aos céus.

GARCEZ, Luciane Ruschel Nascimento; MAKOWIECKY, Sandra. A origem em Fernando Lindote: do paraíso a Darwin, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 945-964.



Figura 6 – Fernando Lindote. *A Virgem* (2011)
Óleo sobre tela, 170 X 130 cm.

Fonte da imagem: <http://www.lucianacaravello.com.br/artistas/fernando-lindote>

Já na figura 7, além do título, “O Batismo de Richard Wollheim”, que inscreve o culto cristão por excelência, o próprio conceito do batismo significa um renascimento, uma volta à nossa origem em Deus; abandonar o homem pecador e se voltar Àquele que nos criou. Sem falar a revisitação da história da arte que por muito tempo revelou a história da religião cristã em imagens. Richard Wollheim (1923) foi um filósofo britânico que escreveu sobre psicanálise, e ficou conhecido por seus estudos sobre emoções e identidade, além de suas pesquisas em teorias da arte, sobretudo pintura. Ou seja, este filósofo se enveredou em terreno amplamente abordado pela história e teoria da arte, nos mostrando os caminhos que Lindote percorre ao criar

uma narrativa para suas pinturas, estando sempre conectado e sendo motivado pelas origens da arte, por mais variadas que se mostrem.



Figura 7– Fernando Lindote. *O Batismo de Richard Wollheim* (2009/2013)
Óleo sobre tela, 130 X 340 cm.

Fonte da imagem: <http://www.lucianacaravello.com.br/artistas/fernando-lindote>

Nas três telas abaixo (Figuras 8, 9 e 10) entrevemos imagens que nos lembram uma evolução. As apresentamos em ordem cronológica de fatura, 2015 a 2017. Na primeira imagem, “Floresta úmida” (figura 8), temos uma paisagem com um rio que a corta ao meio e parece nos conduzir para dentro da floresta de Lindote. De cores suaves, pastéis, colorido abundante, o tom mais escuro e denso que temos é da água do rio na parte em que esta já se encontra dentro da vegetação. Um caminho que nos conduz, ou nos convida, ao desconhecido. A figura 9, “Não te esqueças que eu também venho dos trópicos (as 3 ninfas)”, nos parece ser uma continuidade desta composição, com similaridades de temática e composição. Ambas são paisagens de flora luxuriante, composição diagonal, ambas possuem um caminho ao centro da tela que nos leva ao interior da vegetação que se fecha ao longo do olhar, enquanto percorremos a pintura. Enquanto a primeira é leve, diáfana, a segunda nos apresenta contrastes, tanto nas cores quanto nas formas. Cores fortes, com duas formas pretas ao fundo que nos lembram troncos. Enquanto a primeira se nos apresenta com transparências, a segunda é intensa, sólida.

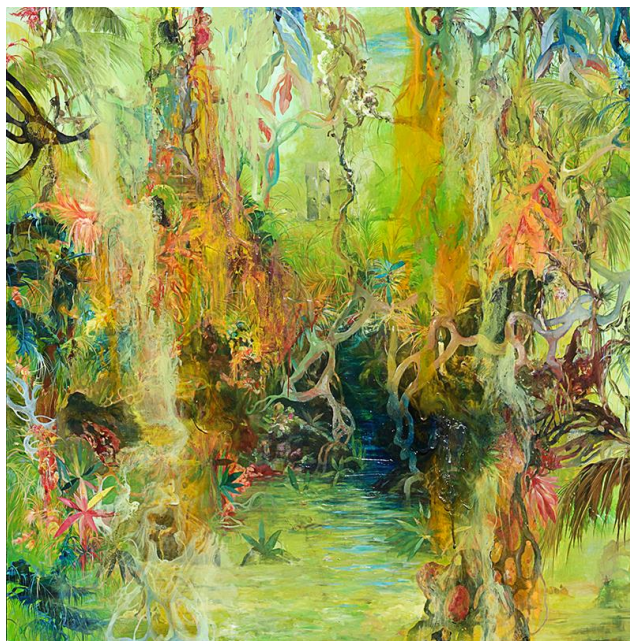


Figura 8 – Fernando Lindote. *Floresta úmida* (2015). Óleo sobre tela, 200 X 200 cm.
Fonte da imagem: <http://www.lucianacaravello.com.br/artistas/fernando-lindote>



Figura 9 – Fernando Lindote. *Não te esqueças que eu também venho dos trópicos (as 3 ninfas)*, (2017). Óleo sobre tela, 170 X 150 cm.
Fonte da imagem: <http://www.lucianacaravello.com.br/artistas/fernando-lindote>

GARCEZ, Luciane Ruschel Nascimento; MAKOWIECKY, Sandra. A origem em Fernando Lindote: do paraíso a Darwin, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 945-964.

Chegamos na pintura 10, “La aparición del cráneo de Francisco José de Goya y Lucientes en la fuente del río Nhamundá”, que nos remonta ambas as duas anteriores. Esta tela tem o colorido leve da “Floresta úmida” na porção esquerda e inferior da tela, mas também possui a força e os contornos de “Não te esqueças que eu também venho dos trópicos (as 3 ninfas)”, só que desta vez o artista colocou algumas figuras na paisagem: um coelho, que parece estar sendo oferecido por uma mão, que se localiza abaixo dele; um desenho de uma preguiça, diáfano, quase imperceptível a olhos distraídos, colocado bem ao centro da composição; um macaco sobre uma pedra com a cabeça escondida em uma massa dourada, que pode ser a cascata de água que já vimos na pintura anterior (Figura 5), mas aqui se encontra muito mais clara e densa; e ao centro na porção inferior da tela, uma caveira, que serve para nos lembrar de nossa humanidade.

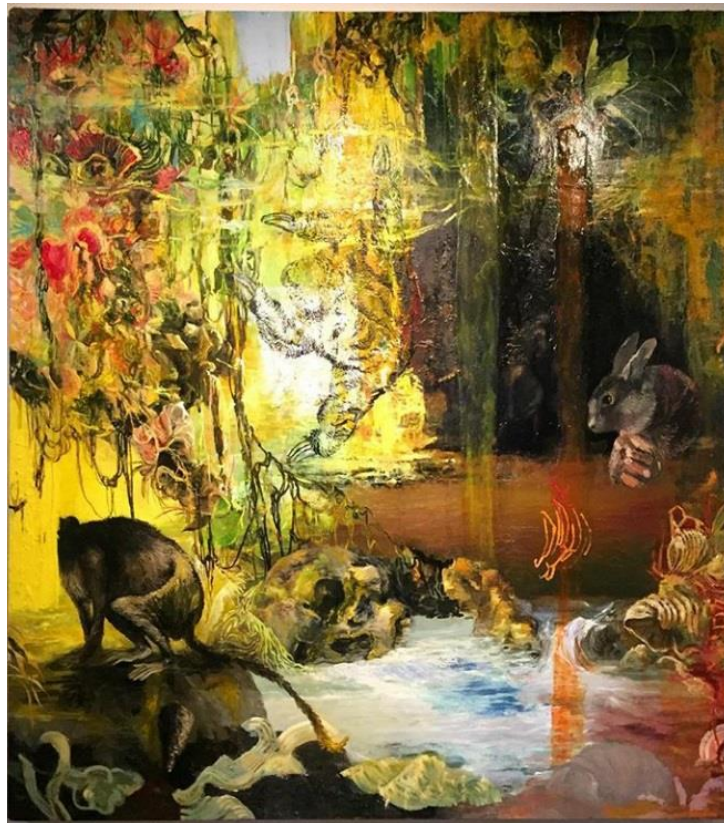


Figura 10 – Fernando Lindote. *La aparición del cráneo de Francisco José de Goya y Lucientes en la fuente del río Nhamundá* (2017). Óleo sobre tela, 180 X 160cm.

Fonte da imagem: <http://www.lucianacaravello.com.br/artistas/fernando-lindote>

GARCEZ, Luciane Ruschel Nascimento; MAKOWIECKY, Sandra. A origem em Fernando Lindote: do paraíso a Darwin, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 945-964.

Este texto foi elaborado exatamente para falar do tema Origens, abordando a obra plástica de um artista que compreende a história da arte e da humanidade em geral em suas origens, que por fim, reforçam seu complexo repertório. O repertório do artista, no caso de Lindote, é fundamental. Afirma Barbosa que, para o ensino das artes, pensado, sobretudo como o ensino das relações com as obras de arte, é tão importante o conhecimento das linguagens específicas das diversas artes quanto os contornos da definição de elementos psicológicos, históricos e sociais, por exemplo, que estão indissolavelmente vinculados à própria história daquelas linguagens (BARBOSA, 1993, p.22). Trazemos as palavras do artista para pensar a origem, quando este diz que:

Sobre origem, sim, venho trabalhando muito. Meus trabalhos dos últimos anos tem um conceito que introduzi e que aparece em alguns casos como subtítulo: *Depoisantes*. Esse conceito do *Depoisantes* se espalha por boa parte do que fiz antes dele também, pensando retrospectivamente. É o seguinte: meu trabalho (pinturas, etc.) é o espaço arcaico onde aparecem as matrizes do/em tempos históricos, aparece na história da arte. Cada pintura, por ex., é um aparecimento desse tempo. Nessas imagens da América antes da América aparece esse repertório que depois artistas do ocidente vão intuir em suas obras. Um exemplo: na pintura *Não te esqueças que eu também venho dos trópicos (as três ninfas)* aparece uma forma (algo como uma pedra) que nos anos 1930/40 Maria Martins [a artista brasileira] vai transformar na escultura: *Não te Esqueças que eu venho dos trópicos*. Então a brincadeira é essa. Há uma outra fundação da história da arte ocidental. Ela começa aqui nos trópicos, depois da história da arte, mas também antes. Por isso *Depoisantes*. O que faço agora (minhas pinturas) vem antes da história. Por isso tudo começou aqui. Depois e antes. Esse tipo de concepção vem para operar com a justificativa histórica de precedência na arte ocidental. Minha Índia é anterior a Michelangelo e Debret. Por aí... (LINDOTE, 2019²)

Observamos nesta citação do artista, um certo pensamento patrimonial, pois a obra é constantemente ressignificada, e por isso sobrevive. Os objetos, ou mesmo sentimentos, os quais se procuram dotar de uma espécie de imortalidade,

GARCEZ, Luciane Ruschel Nascimento; MAKOWIECKY, Sandra. A origem em Fernando Lindote: do paraíso a Darwin, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 945-964.

paradoxalmente só sobrevivem graças à mutação contínua de significados que vão adquirindo junto aos homens. Tais questões nos levam a pensar em Adauto Novaes:

Hoje, nem sempre os clássicos são lidos. A glória dos espíritos vazios e sem obras é maior do que o esperado. Política, obras de arte e obras de pensamento, antes admiradas, tornam-se coisas indiferentes. Dificilmente podemos desfazer a imagem do caos. [...]. As duas maiores invenções da humanidade – o passado e o futuro, como escreve o poeta - desaparecem, dando lugar a um presente eterno e sem memória. (NOVAES, 2008, s/p)

Não é este o caso de Lindote. O artista se volta para o passado e para a história da arte. Voltando à história da arte, acreditamos que toda prática disciplinar integra uma escolha metodológica decisiva. Jorge Coli (2010, p.14) não acredita em métodos aplicáveis para ler a obra, diz que a melhor forma é interrogá-las: “nada permite melhor entender uma obra do que outra”. Entendemos que contemporâneo é o tempo em que vivemos. Mas muito do que agora vivemos, vem de outros tempos.

Convivo com Mona Lisa, ela me diz algo - portanto, é contemporânea. Vivo num *pallazzo* renascentista de 500 anos ou num austero edifício modernista de 100: ambos me são contemporâneos. Posso vivê-lo historicamente e posso vivê-lo filosoficamente, sugeriu Marx; de ambos os modos ao mesmo tempo ou de nenhum deles. (COELHO, 2006, p. 02)

A chamada história não contemporânea torna-se contemporânea na medida em que só um interesse no presente pode nos mover a investigar o fato passado, tornando este interesse passado num interesse presente. Giorgio Agamben (2009) diz que a contemporaneidade é uma “*revenant*”, projetamos uma luz sobre o passado que faz que ele volte, hoje, diferentemente. Este movimento de olhar projetado para o passado consiste em que uma “via de acesso ao presente tem necessariamente a forma de uma arqueologia” (AGAMBEN, 2009, p. 70). O contemporâneo se constrói, não apenas na chave da emergência absoluta, mas pela projeção e dessa espécie de retroprojeção.

Estamos interessados em artistas que entendem que não é possível teorizar a

respeito da arte sem percorrer a história de suas várias tradições, sem conhecer a história das obras, a história da crítica e, ainda, a história dos conceitos. Que é necessária uma memória metodológica (HUCHET, 2004). “Em todo discurso sobre a arte do passado, existe um discurso subterrâneo sobre a arte do presente, porque a atividade artística é um movimento ininterrupto” (RECHT apud HUCHET, 2012, p. 12).

Acreditamos que este procedimento parte da imagem como noção operatória, ou seja, trabalha as imagens colocando-as em uma constelação de imagens atemporais, onde se encontram os sintomas que os conectam, sintomas que são como fendas repentinas que conjugam diferenças, onde todos os tempos se encontram e as latências aparecem, incontroláveis, intempestivas. A noção operatória diz respeito a procedimentos que se metamorfoseiam e persistem na contemporaneidade. As grandes questões humanas sobrevivem nas imagens, é através delas que conhecemos outras culturas, outros povos, e é na imagem, imagem como noção operatória e não como mero suporte iconográfico, que aparecem as sobrevivências, anacrônicas, atemporais, memórias enterradas e que ressurgem.

As obras de Lindote nos propõem enigmas. Enigma, já nos dizia Heródoto (484-425 a. C.), é o que é lido de uma forma, mas que também pode ser lido de outra, o que exige do leitor a responsabilidade de escolha naquele momento, pois sabe que não há certeza. Aquilo que coloca o leitor em uma posição de absoluta solidão e responsabilidade diante da escolha que faz naquele momento, pois sabe que não há um chão sólido onde colocar seus pés, um fundamento, há apenas o risco de uma aventura. Para Mario Perniola, o caráter enigmático da arte e da filosofia está assentado na realidade, que é também enigmática e “[...] abre um espaço suspensivo intermediário que não é destinado a ser preenchido” (PERNIOLA, 2009, P.17). A imagem não é a imitação das coisas, mas um intervalo traduzido de forma visível, a linha de fratura entre as coisas (DIDI- HUBERMAN, 2006). Entre os

modelos hegemônicos de apreensão das obras, como sociologismos, psicologismos e historicismos, e uma supervalorização dos valores próprios da linguagem específica da arte, se estabelece uma tensão, que para Paul Valéry seria chamado de “hesitação”, quando, ao nos surpreender, chocar, inquietar com uma obra, encontramos um intervalo em que o leitor, ao fugir das apreensões vulgares foge também de significados encontrados fora da obra. O que a leitura do intervalo de fato almeja é a apreensão dos significados pela via de sua tradução através da própria obra.

Para finalizar, nos ocorre um texto de Maria Joao Cantinho (2016), que descrevia que ao ler sobre Aby Warburg e Walter Benjamin, lhe veio à memória o conceito de legente de Maria Gabriela Llansol. Também o legente é, não o que se prende à continuidade da narrativa, mas aquele que lê o mundo a partir das imagens, libertando-o da cadeia do texto narrativo. No “Livro das Comunidades” diz Maria Gabriela Llansol assim: “Ana de Peñalosa não amava os livros: amava a fonte de energia visível que eles constituem quando descobria imagens e imagens na sucessão das descrições e dos conceitos” (LLANSOL, 1999, p. 75). Diz a autora que este modo de entrar de leitura e de captar nas imagens a sua energia dá-nos conta de dois aspectos: por um lado, da percepção do caráter engramático das imagens, num sentido warburgiano e, por outro, de uma superação do ato de leitura, pela procura dos elos íntimos que religam as imagens entre si. Longe de se constituir como um leitor passivo, o legente é convocado pela imaginação e pelo seu poder mediúnico, secreto, de re-ligar o mundo e de lhe conferir sentido. Talvez tenha sido esse o papel de Fernando Lindote nestas obras e também nosso, como espectadores.

Notas

¹ “Darwin, evolução e seleção natural” - BNCC Ciências: EF09CI10, EF09CI11. Viagem de CharlesHMS Beagle e suas ideias sobre evolução e seleção natural. Por Khan Academy. Disponível em: https://pt.khanacademy.org/science/biology/her/evolution-and-natural-selection/a/darwin-evolution-natural-selection?utm_account=Grant&utm_campaignname=AdWords_Brasil_DSA&gclid=Cj0KCQjwrdjnBRDXARIsAEc

[E5YnX2MUbr7p6RLDpGF2wTp2vbGbfpcJ8e-3jHTgqXAACohrBXrrENqcaAjUMEALw_wcB](#), com acesso em 01 de junho de 2019.

² Fernando Lindote em entrevista às autoras por e-mail em 25 de maio de 2019.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

BARBOSA, João Alexandre. "Reflexões sobre o Ensino das Artes". IN: Barbosa, Ana Mae; FERRARA, L. e VERNASCHI, E. (org). *O ensino das Artes nas Universidades*. Edusp, 1993, pág.22.

CANTINHO, M. J. (2016). "Aby Warburg e Walter Benjamin: A legibilidade da memória. História Revista", 21(2), 24-38. v. 21 n. 2 (2016): *História e Fotografia: interdisciplinaridade, arquivo e memória*. <https://doi.org/10.5216/hr.v21i2.43380>.

COELHO, Teixeira. *Catálogo da exposição Itaú Contemporâneo Arte no Brasil 1981-2006*.

COLI, Jorge. *O corpo da liberdade: reflexões sobre a pintura do século XIX*. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Ante el tiempo*. Argentina: Adriana Hidalgo editora S. A., 2006.

HUCHET, Stéphane. *Memória Metodológica*. Disponível em: < em http://www.cbha.art.br/coloquios/2004/anais/textos/109_stephane_huchet.pdf> Acesso em 04.abr.2018. Anais CBHA 2004.

LLANSOL, M. G. *O Livro das Comunidades*. Lisboa: Relógio d'água, 1999.

MACGREGOR, Neil. *A História do Mundo em 100 Objetos*. RJ: Editora Intrínseca Ltda., 2013 (2010).

MAKOWIECKY, Sandra. "História da arte como partilha de um mundo por vir e a criação de uma comunidade sensível". IN: *Anais do 27o Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27o*, 2018, São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.1967-1981.

NOVAES, Adauto. "Herança sem testamento?" IN: NOVAES, Adauto (org.). *Mutações. Ensaios sobre as novas configurações do mundo*. SESC/ SP. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

PERNIOLA, Mario. *Enigmas: Egípcio, Barroco e Neobarroco na Sociedade e na Arte*. Tradução de Carolina Pizzolo. Chapecó: Argos, 2009.

RECHT, Roland apud HUCHET, Stéphane. "A Instituição da imagem: Perfil de uma história da arte". IN: HUCHET, Stéphane (org). *Fragmentos de uma teoria da arte*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012, p. 12.

GARCEZ, Luciane Ruschel Nascimento; MAKOWIECKY, Sandra. A origem em Fernando Lindote: do paraíso a Darwin, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 945-964.



28º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas
Origens - Cidade de Goiás - 16 a 20 de setembro de 2019

Luciane R. N. Garcez

Professora e crítica de arte. Doutora pela Université Aix-Marseille, França, na área de Estudos e Ciências da Arte. Pós-doutoranda na linha de Teoria e História da Arte, pelo PPGAV-CEART, UDESC; bolsista CAPES/ PNPd, sob orientação de Sandra Makowiecky. É membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte Seção Brasil Aica Unesco (ABCA); membro da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA/UNESCO); membro da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas (ANPAP).

Sandra Makowiecky

Mestrado em Gestão do Desenvolvimento e Cooperação Internacional pela Universidade Moderna de Lisboa e Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora Titular da Universidade do Estado de Santa Catarina - graduação, mestrado e doutorado em Artes Visuais do Centro de Artes. Diretora do MESC – Museu da Educação de Santa Catarina. Membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte Seção Brasil Aica Unesco - ABCA. Membro da Associação Internacional de Críticos de Arte - AICA. Membro do Comitê Brasileiro de História da Arte - CBHA. Membro da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas - ANPAP. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de SC - IHGSC.

GARCEZ, Luciane Ruschel Nascimento; MAKOWIECKY, Sandra. A origem em Fernando Lindote: do paraíso a Darwin, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 945-964.